Entrevista com Murilo Seabra[1]

Introdução[2]

Na seguinte entrevista, realizada em dezembro de 2023 e atualizada em janeiro de 2024, Murilo Seabra fala do genocídio que os israelenses estão cometendo contra os palestinos e das duas mais recentes censuras que sofreu da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). Ele argumenta que o Hamas, longe de ser uma organização terrorista, está na verdade combatendo o terrorismo. Ele também chama a atenção para a necessidade de mecanismos de transparência, sem os quais o andar do conhecimento e o debate público são prejudicados. A revista que originalmente realizou a entrevista acabou por vetá-la[3]. Apesar de ter sido realizada há mais de um ano, ela não foi atualizada.

Qual a sua análise sobre o conflito entre Israel e Palestina?

É muito difícil entender o que está acontecendo. É muito difícil porque tanto a mídia corporativa[4] quanto as universidades[5] submetem as informações sobre o conflito a um processo de triagem[6], o que precisa, aliás, ser urgentemente denunciado e combatido, pois é parte integral do problema. É mais fácil encontrar informações positivas, mas falsas, sobre os colonizadores judeus da Europa e dos Estados Unidos que estão tomando a Palestina do que informações negativas, mas verdadeiras, mostrando o que eles realmente fazem[7] quando ninguém está olhando. Inversamente, é mais fácil encontrar informações negativas, mas falsas, sobre os palestinos do que informações verdadeiras, mas positivas, mostrando as coisas belas e elevadas que eles fazem. Tanto a mídia corporativa quanto as universidades[8] distorcem a realidade para favorecer os colonizadores judeus – que são imigrantes europeus e americanos – e para desfavorecer os palestinos, isto é, para esconder as monstruosidades praticadas pelos sionistas[9] e o sofrimento dos povos que geneticamente são muito mais semitas do que os caucasianos que adotaram a fé judaica. Não acho que considerações genéticas deveriam ter peso algum na discussão. Só quero assinalar que o argumento genético favorece os palestinos, não os colonizadores europeus e

[1] Em razão da maioria das referências consistirem em links de sites de notícia, jornais e vídeos no YouTube, optamos por alocá-las nas notas de rodapé, preservando assim a fluidez do texto e facilitando o acesso aos leitores. Embora o autor não tenha informado as datas de acesso aos links, todos foram acessados com sucesso no momento da formatação do texto, no dia 24/01/2025.

[2] A Revista Apoena ficou somente encarregada de formatar e publicar esta entrevista. A introdução foi escrita ou pelo próprio autor ou pelos responsáveis pela entrevista (N.E.).

[3] O autor preferiu por não informar os nomes da revista e de quem realizou a entrevista (N.E.).

[4] https://www.vice.com/en/article/palestine-israel-coverage-ashamed-journalist/.

[5] https://www.huffpost.com/entry/alan-dershowitz-defender_b_2630805

[6] https://www.youtube.com/watch?v=pMqRK5LpGy4&t=3s.

[7] https://x.com/FepalB/status/1738309717594722684?prefetchTimestamp=1737741616870&mx=2.

[8] https://www.dw.com/pt-br/reação-de-israel-é-a-princípio-justificada-diz-habermas/a-67411212.

[9] https://www.reuters.com/world/us/i-am-zionist-how-joe-bidens-lifelong-bond-with-israel-shapes-war-policy-2023-10-21/.

americanos, não os judeus caucasianos. A palavra "antissemitismo" deveria significar, antes e acima de tudo, preconceito contra os palestinos e os demais povos semitas, não preconceito contra os povos caucasianos que resolveram criar uma colônia judaica em pleno século XX, quando o mundo inteiro estava sendo descolonizado.

Ninguém fala dos colonizadores judeus que arrancam os olhos das crianças palestinas[10]. Ninguém fala das mulheres grávidas palestinas, já em trabalho de parto, que são impedidas de acessar hospitais palestinos por soldados israelenses e que se veem forçadas a dar à luz em casa ou até mesmo na rua, perdendo consequentemente os seus bebês[11]. Ninguém fala dos soldados israelenses que plantam provas[12] para incriminar os palestinos. Ninguém fala dos colonizadores judeus que roubam, comercializam e até mesmo colecionam órgãos e partes do corpo dos palestinos, desde rins até válvulas cardíacas, passando por ossos, peles e córneas[13], coisas que eles tinham supostamente[14] parado de fazer, mas que agora parecem ter voltado[15]. Ninguém fala dos soldados israelenses que estupram palestinas[16], inclusive crianças palestinas[17]. Ninguém fala dos colonizadores judeus que roubam[18] não apenas fortunas em dinheiro[19], joias[20] e cartões de crédito[21] dos palestinos, mas também os seus bens imóveis, isto é, as suas plantações, as suas terras e as suas casas[22]. Ninguém fala das crianças palestinas, incluindo crianças de apenas cinco anos[23], jogadas em prisões israelenses que não têm acesso nem a advogados nem a suas famílias[24]. Ninguém fala das cerca de 50 mil palestinas grávidas que estão agora passando fome[25] por causa do bloqueio israelense à entrada de alimentos em Gaza. Ninguém fala dos colonizadores judeus que jogam animais mortos e substâncias tóxicas nas reservas de água dos palestinos[26].

---

[10] LIFE IN OCCUPIED PALESTINE EYEWITNESS STORIES AND PHOTOGRAPHS. Direção: Anna Baltzer. Produção: Chun Pan; Anna Baltzer. [S.I.], 2008. DVD (59min), son., col. Idioma: Inglês. (Documentário). https://library.search.tulane.edu/discovery/fulldisplay?vid=01TUL_INST:Tulane&search_scope=MyInst_and_CI&tab=Everything&docid=alma993109958380632 6&context=L.

[11] https://johnpilger.com/palestine-is-still-the-issue/.

[12] HURDLE. Direção: Michael Rowley. Produção: Michael Rowley, Remoy Philip, Andrew Brown. Dallas: Fold Studio, Theo Media. Online (1h26min), son., col., Idiomas: Inglês, Árabe, Hebraico. (Documentário). http://www.hurdlefilm.com/moreinfo.

[13] https://www.jstor.org/stable/24590832.

[14] https://www.euronews.com/2023/11/27/israel-stealing-organs-from-bodies-in-gaza-alleges-human-right-group.

[15] https://www.newarab.com/news/israel-stealing-organs-dead-bodies-gaza-officials.

[16] TANTURA. Direção: Alon Schwarz. Produção: Paul Schwarz, Shaul Schwarz, Maiken Baird. Israel: Reel Peak Films, Slutzky Communications, Time Studios, 2023. Online (1h34min), son., col. Idiomas: Hebraico, Árabe, Inglês. (Documentário). https://www.tantura-film.com/.

[17] https://www.youtube.com/watch?v=oZP1jXjRCsE.

[18] https://www.middleeasteye.net/news/israel-palestine-troops-looting-vandalism-spree-gaza.

[19] https://www.aljazeera.com/news/2023/12/28/unparalleled-israeli-army-raids-ramallah-more-occupied-west-bank-cities.

[20] https://www.youtube.com/watch?v=JBIWXs2bXRA.

[21] https://www.haaretz.com/2009-08-12/ty-article/idf-soldier-who-stole-atm-card-from-gaza-home-gets-7-months-in-prison/0000017f-e4e1-d568-ad7f-f7eb87de0000

[22] https://www.youtube.com/watch?v=KNqozQ8uaV8.

[23] LAST STOP: Palestine. Direção: Paul Moreira. Produção: Luc Hermann. Local [S.I.]: Premières Ligne, 2013. Online (1h 24min), son., col. Idioma: Inglês. (Documentário).

[24] https://www.youtube.com/watch?v=pIhg54Ml-TA.

[25] https://www.youtube.com/watch?v=iaw-B2t4uBU&forced.

[26] ISRAELISM. Direção: Erin Axelman, Sam Eilertsen. Produção: Daniel Chalfen, Nadia Saah, Erin Axelman.

Ninguém fala dos soldados israelenses que apagam cigarros nos palestinos[27]. Ninguém fala das mais de 9 mil crianças palestinas que tiveram membros amputados por causa dos recentes ataques israelenses[28], muito menos das cerca de mil crianças que tiveram membros amputados sem anestesia[29] por causa da falta de medicamentos e insumos médicos, que estão acumulando poeira na fronteira do Egito porque os israelenses não deixam que entrem em Gaza. Ninguém fala dos soldados israelenses que prendem os palestinos – homens, mulheres e crianças – em edificações e depois as bombardeiam[30]. Ninguém fala dos colonizadores judeus que cospem até mesmo nos cristãos americanos[31], possivelmente os seus maiores fãs. Ninguém fala dos colonizadores judeus que se envolvem em práticas genocidas contra os próprios judeus. Pois submeter judias etíopes à esterilização[32] não é precisamente tentar acabar com um grupo étnico judaico? Não é submeter os próprios judeus a uma obra de limpeza étnica? De acordo com o artigo II, inciso *d*, da Convenção para a Prevenção e a Punição do Crime de Genocídio, criada logo depois da Segunda Guerra Mundial e assinada também pelos israelenses, impor "medidas com a intenção de prevenir nascimentos"[33] dos membros do grupo visado é um ato de genocídio.

Não foi sem razão que Yeshayahu Leibowitz, judeu ortodoxo e professor da Universidade Hebraica, já falecido, cunhou o conceito de nazijudaísmo. Os judeus intelectualmente mais sofisticados e mais afiados – como Yeshayahu Leibowitz, Noam Chomsky, Baruch Kimmerling, Ilan Pappé, Theodore Katz, Nurit Peled-Elhanan, Ashley Bohrer, Gideon Levy, Norman Finkelstein, Antony Lowenstein, Gabor Maté e Aaron Maté – criticam ferozmente a teratopolítica colonialista, racista, sexista, classista e supremacista israelense. Sim, teratopolítica. Porque ela é monstruosa. Os palestinos estão à mercê de um novo tipo de nazismo, ainda mais perverso e mais sanguinário do que o nazismo alemão. O nazijudaísmo é uma versão anabolizada do nazismo alemão. São apenas os nazijudeus e os sionistas desinformados ou descaradamente desonestos – como o advogado Alan Dershowitz, professor da Universidade de Harvard que cometeu inúmeras fraudes acadêmicas e defendeu o famoso pedófilo judeu Jeffrey Epstein[34] – que defendem a política genocida israelense.

Mas como sei de tudo isso? Se a grande mídia e as universidades[35] submetem as informações sobre o conflito a um processo de triagem, dando livre passagem às informações positi-

---

Estados Unidos: Empresa de prouçãо [S.I.], 2023. Online (1h 24 min), son., col. Idioma: Inglês. (Documentário).

[27] https://www.youtube.com/watch?v=leVJAiGMDqI.

[28] https://www.unicef.org/sop/stories/facing-life-gaza-strip-new-disability.

[29] https://www.youtube.com/watch?v=UjrWCv7bV_U.

[30] https://palestine.mei.columbia.edu/events-spring-2013/2013/3/25/where-should-the-birds-fly#:~:text=Where.

[31] https://www.timesofisrael.com/liveblog_entry/orthodox-jews-again-filmed-spitting-at-christians-in-jerusalems-old-city/.

[32] https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/jan/30/forced-contraception-jewish-ethopian-women.

[33] https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/atrocity-crimes/Doc.1_Convention on the Prevention and Punishment of the Crime of Genocide.pdf

[34] https://www.vox.com/identities/2019/7/30/20746983/alan-dershowitz-jeffrey-epstein-sarah-ransome-giuffre.

[35] Cf. EDWARD, Said (Org.). Blaming the victims: spourious scholarship and the palestinian question. London; New York: Verso, 1988.

vas sobre os nazijudeus (mesmo sendo falsas) e bloqueando as informações negativas (mesmo sendo verdadeiras), como é que sei que eles arrancam os olhos de crianças palestinas e impedem as mulheres palestinas em trabalho de parto de acessarem hospitais palestinos? Como é que sei que estupram jovens e crianças palestinas? Como é que sei que cospem em cristãos, até mesmo em cristãos estrangeiros que idealizam e morrem de paixão pelos colonizadores judeus?

Apesar de ser extremamente eficiente, o processo de triagem não está imune a falhas. O Estado de Israel – a entidade sionista – possui menos de 10 milhões de habitantes, dos quais mais de 2 milhões são árabes, incluindo cerca de 200 mil árabes cristãos. Os nazijudeus simplesmente não têm força numérica suficiente para manter o mundo na ignorância.

Mas eles são incansáveis. Por exemplo, a professora israelense Nurit Peled-Elhanan, também da Universidade Hebraica, é constantemente perseguida pela organização Impact, que "viaja o mundo deslegitimando a educação e a imprensa pró-Palestina"[36]. Como ela explicou em uma entrevista: "O chefe dessa organização me disse que sua missão de vida é me destruir". Mas ela continua em atividade. O historiador sionista israelense Theodore Katz[37] – que reuniu evidências dos crimes monstruosos cometidos pelos colonizadores contra os palestinos – não teve a mesma sorte. Os nazijudeus conseguiram acabar com a carreira dele. Eles também tentaram acabar com a carreira do historiador Ilan Pappé, que saiu da entidade sionista e hoje leciona no Reino Unido.

O processo de triagem existe e ele é impiedoso. Mas também há muita gente na resistência. Então é possível, sim, perfurar a campanha de desinformação nazijudaica e descobrir a verdade. A tarefa não é fácil, sem dúvida. Mas o que é realmente difícil não é descobrir a verdade, é ter vontade de descobri-la.

E o atual conflito? A palavra "conflito" é um eufemismo. Quando você joga o equivalente a mais de duas bombas atômicas em uma área muito menor do que a área do Distrito Federal, quando você reduz hospitais e escolas a escombros, quando você deliberadamente mata trabalhadores da saúde e jornalistas às centenas, o que você está fazendo não é uma "guerra", o que você está fazendo é uma obra de limpeza étnica. Então o atual conflito não é bem um "conflito". O que está acontecendo é um genocídio.

O que estamos vendo é uma luta entre a ética e a força bruta. Basicamente, a maior arma dos palestinos é a ética. É tudo o que eles têm. O direito internacional está do lado deles. A verdade está do lado deles. A justiça está do lado deles. Afinal, eles estão lutando contra o *apartheid*, o racismo e a colonização. Se você acha que a África do Sul teve razão em acabar com o *apartheid*, você não pode ficar do lado da entidade sionista. Você tem que ficar do lado dos palestinos. Você tem que ficar do lado do Hamas, que está lutando contra o *apartheid*. Se você acha que os povos africanos, asiáticos, oceânicos e americanos tiveram razão em lutar

[36] https://apublica.org/2023/10/educacao-e-voltada-para-o-exercito-e-terrivelmente-racista-diz-professora-israelense/.

[37] https://www.jstor.org/stable/10.1525/jps.2001.30.3.19.

contra o colonialismo ocidental, você tem que ficar do lado dos palestinos. Você tem que ficar do lado do Hamas, que está lutando contra o colonialismo ocidental. Se você acha que as mulheres e as crianças têm o direito de não terem o corpo violado, você tem que ficar do lado dos palestinos. Você tem que ficar do lado do Hamas, que está lutando contra os estupradores e os pedófilos nazijudeus. O Hamas está lutando pelo direito das crianças palestinas de não terem os seus olhos arrancados. O Hamas está lutando pelo direito dos palestinos de não terem os seus órgãos roubados. O Hamas está lutando pelo direito dos palestinos à justiça.

Os guerrilheiros do Hamas têm demonstrado uma coragem invejável. Mas o fato é que se trata de uma luta extremamente desigual. Os palestinos não têm um exército. Eles podem vencer a batalha, é verdade. É possível que vençam. Estou torcendo para que vençam. Mas a luta é desigual. Como explicou Norman Finkelstein[38], cujos pais sobreviveram ao Holocausto, um governo que corta o acesso a alimentos, água e energia[39] de uma população inteira, inclusive mulheres, crianças e homens não-combatentes, não está empenhado em uma guerra e sim em um programa de extermínio. Então é claro que não quero que os nazijudeus vençam. Não quero que sejam bem-sucedidos. Pelo contrário, quero que os judeus, os cristãos, os muçulmanos e os ateus que combatem o nazijudaísmo vençam, pois quero que a ética prevaleça sobre a força bruta. Sou muito pessimista. Mas estou torcendo pelos palestinos. Estou torcendo pelo Hamas. Afinal, o que ele quer *não* é a morte dos judeus. O que ele quer *não* é a destruição da entidade sionista – ao contrário, por exemplo, do rabino Yisroel Dovid Weiss, que tem uma postura muito mais coerente e acha que o Estado de Israel não deveria sequer ter sido criado[40]. O que o Hamas quer é simplesmente que o Estado da Palestina seja formalizado e reconhecido pela entidade sionista. O que o Hamas quer é simplesmente não deixar o processo de colonização avançar. Ele não está nem mesmo lutando para revertê-lo, apenas para detê-lo. Ele está simplesmente lutando pela implementação da solução de dois estados. Mas a solução não agrada os nazijudeus. Eles não estão satisfeitos com o que já têm. Eles querem toda a Palestina para si[41] – e não só toda a Palestina, diga-se de passagem. Os sionistas estão ressuscitando o estereótipo de que os judeus são gananciosos e mesquinhos. Eles estão promovendo o antissemitismo.

Então essa é uma luta entre o altruísmo corajoso e o nazijudaísmo asqueroso. O que o Hamas quer é apenas justiça. Um estado para os nazijudeus e outro para os palestinos. Simples. Por que os nazijudeus – que não têm direito a absolutamente nada[42] – insistem tanto em ter controle sobre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia? Eles precisam mesmo se apossar das reservas de gás natural descobertas na costa de Gaza[43]? O Hamas já está fazendo concessões enormes. Mas

[38] https://www.youtube.com/watch?v=uHqs15gOv4k&t=15s.
[39] https://msf.org.au/article/project-news/gaza-we-dont-have-electricity-theres-no-water-hospital-theres-no-food.
[40] https://www.youtube.com/watch?v=_FNtMV2i8-8&t=137s.
[41] https://www.youtube.com/watch?v=FYOv_Jb8cA0&forced.
[42] https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0377919X.2022.2091382.
[43] https://www.youtube.com/watch?v=6UEcwiscadU.

os nazijudeus não querem conversa, pois eles querem tudo[44]. Terras. Riquezas naturais. Órgãos. Tudo.

O que aconteceria se os cariocas resolvessem colonizar São Paulo? Os paulistas iriam lutar até a morte se defendendo. Assim como os paulistas nunca permitiriam ser controlados e explorados pelos cariocas – nunca permitiriam que os cariocas arrancassem os olhos das crianças paulistas, que estuprassem as mulheres paulistas, que roubassem e comercializassem os rins, as válvulas cardíacas, os ossos, as peles e as córneas dos paulistas e que impedissem a população paulista de utilizar as próprias ruas –, os palestinos nunca permitirão que os nazijudeus os controlem, explorem e violentem diariamente sem nenhuma forma de resistência. É fácil acabar com o derramamento de sangue. É só deixar a ética fazer o seu serviço. É só deixá-la assumir o controle da situação. É só deixá-la aflorar sem ser pisoteada pela força bruta. É só permitir que São Paulo fique com os paulistas. Os cariocas já têm o Rio de Janeiro. Para que mais? Por que eles precisam de tudo?

Os palestinos são mais fracos do ponto de vista da força bruta, mas muito mais fortes do ponto de vista ético. Eles nunca vão parar de lutar. O que eles querem é apenas igualdade, liberdade e fraternidade, que são necessidades neurofisiológicas humanas. A injustiça adoece. A falta de autonomia adoece. Não só psicologicamente, mas também fisicamente. Os povos indígenas do mundo inteiro – os povos autóctones da África, da Ásia, da Oceania e das Américas – sabem muito bem que você não pode pisotear e humilhar os seus vizinhos impunemente. Não são apenas os europeus que merecem igualdade, liberdade e fraternidade, valores, aliás, que aprenderam com os povos nativos das Américas. A justiça, a autonomia e a verdade são necessidades orgânicas básicas. Elas não podem ser negociadas.

O Hamas é uma força libertária na Palestina?

Sim, com certeza. O Hamas tem uma história complexa, pois cresceu graças ao apoio dos colonizadores israelenses. Ainda não pesquisei a história a fundo. Mas parece que o líder palestino Yasser Arafat, que ganhou o prêmio Nobel da Paz, estava popular demais e pacífico demais aos olhos dos sionistas. Ele estava mostrando à comunidade internacional que os palestinos queriam, sim, chegar a um acordo e acabar com o derramamento de sangue. Os palestinos estavam dispostos a ficar com apenas 22% do seu território[45], ou seja, eles estavam dispostos a abrir mão de uma quantidade gigantesca de casas, plantações e terras que tinham sido tomadas pelos colonizadores israelenses à força. Eles estavam dispostos a abrir mão de seus direitos. Eles estavam dispostos a abrir mão da justiça. Tudo em nome da paz.

O direito internacional havia reconhecido o direito dos palestinos de se defenderem e de lutarem contra a colonização por meio da luta armada. Isto é, os palestinos tinham, sim, todo o

[44] https://www.youtube.com/shorts/fw3V9qfEuoc.
[45] https://www.nytimes.com/2023/12/05/opinion/ezra-klein-podcast-tareq-baconi.html?showTranscript=1.

direito de pegar em armas para lutar contra os invasores. Em uma palavra, eles tinham o direito de *matá-los*. Não é que eles quisessem exercê-lo, mas a Organização das Nações Unidas (ONU) tinha declarado de forma clara e inequívoca que os palestinos tinham, sim, o direito de *matar* os nazijudeus que estavam tomando as suas terras e cometendo todo o tipo de atrocidade.

A ONU passa resoluções a todo momento. No entanto, ela não dispõe de uma força militar própria e autônoma capaz de obrigar os governos mundiais a observá-las. Infelizmente, o direito internacional não passa de *flatus vocis*, de palavras vazias. O que a brigada Al-Qassam está fazendo é simplesmente preencher a lacuna. Ela está dando o passo que a ONU não dá, que é lutar contra as infrações do direito internacional. Ela está tentando fazer o direito internacional valer.

Assim como o direito garante o direito à legítima de defesa – se um psicopata estiver tentando matá-lo, você tem, sim, o direito de se defender por meio da violência e de matá-lo –, o direito internacional garante aos povos colonizados o direito de se defenderem por meio da violência, ou seja, ele garante aos povos colonizados o direito de matarem os colonizadores. Os israelenses não têm *nenhum* direito de se defender. Não faz sentido *nenhum* dizer que o psicopata que invade a sua casa para matá-lo e para matar toda a sua família tem o direito de se defender. O psicopata não tem *nenhum* direito. Ele só tem obrigações, a começar pela obrigação de ir embora.

O problema é que os nazijdeus não querem nem ir embora nem chegar a um acordo. Eles querem continuar com o genocídio. Eles querem tomar a casa inteira. Eles querem se apossar de toda a Palestina. Eles não querem deixar para os palestinos nem mesmo 22% do seu território.

Foi por isso que financiaram o Hamas. Por razões óbvias, o Hamas não estava contente com a ideia de manter apenas 22% da Palestina para os palestinos. O objetivo dos nazijudeus era dar à comunidade internacional a impressão de que o problema eram os palestinos, de que eram os palestinos que não queriam dialogar, de que eram os palestinos que só entendiam a linguagem da violência.

Os nazijudeus financiaram o Hamas porque Yasser Arafat estava fazendo concessões demais. Havia o sério risco do Arafat mostrar à comunidade internacional que eram os nazijudeus que não estavam interessados em chegar a um acordo. Como o Hamas não estava feliz com o Arafat, como o Hamas não queria fazer tantas concessões, os nazijudeus resolveu financiá-lo.

O Hamas estava disposto a ceder parte da casa, mas não a casa inteira. O Hamas estava dizendo: "Tudo bem, vocês podem ficar com a maior parte das nossas terras. Sabemos muito bem como vocês foram tratados na Europa e nos Estados Unidos. Então estamos, sim, dispostos a hospedá-los. Mais do que hospedá-los, estamos dispostos a ceder permanentemente e gratuitamente a maior parte da nossa casa. Sim, a maior parte. Vocês não precisam nos pagar. Não queremos nada em troca. Mas vocês não podem ficar com tudo". O Hamas não estava disposto a ceder tudo. O Hamas traçou uma linha no chão e disse: "Esse é o limite. Se vocês tentarem

passá-lo, precisaremos lançar mão do direito que temos de nos defender. Afinal, também somos seres humanos. Também precisamos ter onde morar".

E o que os nazijudeus fizeram? Ao invés de agradecerem a generosidade dos palestinos, que tinham mil e uma razões para odiá-los, ao invés de se contentarem com o território que já tinham tomado, eles viram a linha traçada no chão pelo Hamas como uma oportunidade extraordinária: a oportunidade de mais uma vez acusarem os palestinos de serem violentos e assim justificar a tomada de uma porção ainda maior da Palestina. Tudo o que precisavam fazer era garantir que as negociações com o Arafat falhassem. Tudo o que precisavam fazer era continuar sendo inescrupulosos. Tudo o que precisavam fazer era continuar matando crianças palestinas, estuprando jovens palestinas e roubando terras palestinas. Tudo o que precisavam fazer era cruzar a linha traçada no chão pelo Hamas. E ajudar o Hamas a crescer. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu[46] foi muito claro nesse ponto. "Qualquer pessoa que quer impedir o estabelecimento do Estado da Palestina precisa apoiar o fortalecimento e a transferência de dinheiro para o Hamas", ele disse em 2019.

O Hamas achava que as negociações do Arafat não iriam levar a lugar nenhum. Eles estavam certos. Os nazijudeus achavam que a comunidade internacional ficaria do lado deles depois que forçassem o Hamas a defender os palestinos. Eles estavam errados.

O artigo publicado no site da ANPOF pela professora Georgia Amitrano enquadra claramente os atos do Hamas em 7 de outubro como terrorismo pelas suas características contra pessoas inocentes e civis. O senhor contraria este termo? Por quê?

Sim, com certeza. Antes de tudo, a palavra "terrorismo" é uma palavra deslegitimadora. Ela tem uma carga inescapavelmente negativa. Não apenas inescapavelmente negativa, mas extremamente negativa. Quando você chama uma ação de "terrorista", você não a está apenas descrevendo, você a está condenando. Porém, mesmo que a palavra "terrorismo" não tivesse uma carga negativa, mesmo que ela fosse usada de maneira puramente descritiva – para designar o uso da violência contra civis para disseminar medo com fins políticos –, mesmo nesse caso idealizado, que não corresponde de forma alguma ao modo como a palavra "terrorismo" é realmente utilizada, acho que ela não poderia ser empregada para descrever o que a brigada Al-Qassam fez no dia 7 de outubro de 2023. Se o objetivo da Operação Dilúvio Al-Aqṣā tivesse sido matar pessoas (até onde pude determinar, a operação da Al-Qassam foi chamada em árabe de "عملية طوفان الأقصى", o que aparentemente também pode ser traduzido como "Operação Enchente Al-Aqṣā" ou "Operação Al-Aqṣā Inundada"), se o objetivo tivesse sido cometer atrocidades para infligir medo na população e forçar a entidade sionista a mudar de atitude, de direção ou de postura, haveria, sim, espaço para descrevê-la com a palavra "terrorismo". No entanto, está mais do que claro que o objetivo da Al-Qassam não era matar ninguém. Não era

[46] https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/oct/20/benjamin-netanyahu-hamas-israel-prime-minister.

infligir medo. Não era forçar a entidade sionista a mudar de curso. O objetivo não era político. Portanto, não dá para dizer que a Operação Dilúvio Al-Aqṣā foi uma ação terrorista.

Você não chama as ações dos esquadrões antissequestro de "terroristas". Mesmo que acabem matando sequestradores e pessoas inocentes que não tinham relação nenhuma com a história, você não os acusa de "terroristas". Primeiro, porque é legítimo, a princípio, recorrer à força para libertar pessoas sequestradas. Segundo, porque os esquadrões antissequestro não entram em ação para aterrorizar a população e mudar a forma de pensar dos governantes. A mesma coisa vale para a Al-Qassam. Ela não realizou uma operação terrorista e sim uma operação antissequestro. O que estou dizendo pode parecer paradoxal, porque a Al-Qassam sequestrou pessoas. Mas ela as sequestrou apenas para libertar pessoas que tinham sido sequestradas pelos nazijudeus. É como se um esquadrão antissequestro sequestrasse membros da equipe de sequestradores para forçá-la a soltar as suas vítimas.

Como expliquei no artigo que escrevi criticando a posição da professora Georgia Amitrano, o direito dos palestinos de recorrerem à luta armada é garantido pelo direito internacional. Todos os povos colonizados têm o direito de combater os colonizadores. Houve mortes no dia 7 de outubro? Sim, sem dúvida. Mas o objetivo da Al-Qassam não era matar ninguém. O objetivo da Al-Qassam não era infligir medo nem mudar a forma de pensar dos nazijudeus. A Al-Qassam queria simplesmente libertar os palestinos – incluindo mulheres e crianças palestinas – que sofrem diariamente abusos e torturas nas prisões israelenses. A Operação Dilúvio Al-Aqṣā foi uma operação de resgate[47]. Pelo menos, é o que tudo indica[48]. A Al-Qassam poderia, sim, ter atacado os nazijudeus com o objetivo expresso de matá-los – e se ela tivesse feito isso, ela teria agido em conformidade com o direito internacional. Mas a Al-Qassam não queria matá-los. O objetivo era levar judeus israelenses para a Faixa de Gaza a fim de *trocá-los* por reféns mantidos ilegalmente nas prisões nazijudaicas. Ela precisava deles vivos.

Não estou romantizando a resistência palestina. Não estou tentando dar a impressão de que ela é mais nobre do que realmente é. Estou me atendo aos fatos. A Al-Qassam não queria matar ninguém. Não é preciso ser um gênio para perceber que pessoas mortas não possuem valor de troca. A Operação Dilúvio Al-Aqṣā não foi movida pela sede de sangue, mas pelo altruísmo corajoso e abnegado. Apesar de todos os palestinos terem motivos para se vingar dos nazijudeus, ela não foi movida pelo desejo de vingança.

Ao contrário do que diz a propaganda de guerra nazijudaica, a Al-Qassam não queria matar o maior número possível de israelenses, voltar para Gaza e festejar o massacre. Até porque boa parte da população israelense é árabe e também sofre diariamente nas mãos dos colonizadores europeus. Os palestinos israelenses também são tratados de forma brutal. Assim como o nazismo israelense é pior do que o nazismo alemão, o *apartheid* israelense é pior do que o

[47] https://www.youtube.com/watch?v=MV7mTr-oj4M&forced.
[48] https://www.youtube.com/watch?v=jjExuvNC2ko

apartheid sul-africano[49]. Pelo menos, é o que disse Richard Falk, que conduziu uma das missões de investigação sobre direitos humanos da ONU. E você acha que os nazijudeus negociariam com a Al-Qassam para libertar palestinos israelenses? Não, é claro que não. Então a Al-Qassam precisava capturar israelenses judeus. Não matá-los e sim capturá-los.

Mas o fato de que a Operação Dilúvio Al-Aqṣā não foi uma operação terrorista não significa que não houve terrorismo no dia 7 de outubro. Na verdade, aconteceu, sim, uma ação terrorista de dimensões colossais. Mas ela não foi realizada pela Al-Qassam, ela foi realizada pelas forças armadas israelenses. Ela foi realizada pela entidade sionista contra a sua própria população. Pelo menos cerca de 600 civis e militares foram mortos pelos nazijudeus no dia 7 de outubro, o que eles acham que é "moralmente"[50] melhor não investigar. Eles mataram turistas. Eles mataram inocentes. Eles também mataram soldados. As forças armadas israelenses mataram dezenas de pessoas que a brigada Al-Qassam queria manter vivas[51].

Porém, existe uma diferença entre *terrorismo* e *massacre*. O fato de que as forças armadas israelenses mataram cerca de 600 pessoas – talvez muito mais do que 600 pessoas – significa que houve *massacre* no dia 7 de outubro. Mas para podermos falar em *terrorismo*, não basta haver derramamento de sangue. O elemento político precisa também estar presente. O medo também precisa estar presente. E o que aconteceu depois do massacre? A entidade sionista culpou o Hamas por *todas* as mortes e usou o 7 de outubro como pretexto para atacar a Faixa de Gaza. Ou seja, a entidade sionista matou "inocentes e civis", insuflou medo na população e mudou o seu curso de ação. O nome disso é *terrorismo*.

A Operação Dilúvio Al-Aqṣā foi algo que os nazijdeus queriam que acontecesse e algo que os palestinos precisavam fazer. Os nazijdeus queriam algo como o 7 de outubro para poderem justificar o genocídio. Eles precisavam de uma investida dos palestinos para poderem justificar a tomada das imensas reservas de combustíveis fósseis descobertas na Faixa de Gaza. Não foi por acaso que inflaram o número de mortes e inventaram histórias falsas para demonizar os palestinos – como a de que os membros da Al-Qassam decapitaram dezenas de bebês[52] e a de que estupraram mulheres em massa[53]. Os nazijudeus provocam os palestinos. Eles forçam os palestinos a reagir. E os palestinos realmente ficam sem opção. Eles precisam reagir.

Os palestinos fizeram no dia 7 de outubro o que precisavam fazer, não o que queriam fazer. Mas eles fizeram exatamente o que os nazijudeus queriam que fizessem.

O senhor escreveu um artigo chamado "*A luta do Hamas contra o terrorismo*", defendendo

[49] OCCUPATION 101: voices of the silenced majority. Direção: Sufyan Omeish, Abdullah Omeish. Produção: Sufyan Omeish, Abdullah Omeish. Estados Unidos: Empresa de proução [S.I.], 2017. Online (1h 30min), son., col. Idioma: Inglês. (Documentário).

[50] https://www.youtube.com/watch?v=NDk1TsQWmLo.

[51] https://www.youtube.com/watch?v=iZlQOjq4EvM

[52] https://theintercept.com/2023/12/14/israel-biden-beheaded-babies-false/.

[53] https://www.haaretz.com/world-news/americas/2023-11-19/ty-article/.premium/head-of-canadian-sexual-assault-center-fired-for-questioning-accounts-of-hamas-rapes/0000018b-e7f8-d05f-a5eb-e7f8d6c80000.

o Hamas e criticando o artigo da professora Georgia Amitrano. Quais foram os argumentos que a ANPOF usou para rejeitá-lo?

A Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), a maior associação de filosofia do Brasil, censurou o meu artigo "*A luta do Hamas contra o terrorismo*" por causa do conceito de nazijudaísmo. De acordo com a ANPOF, o conceito de nazijudaísmo violava a regra que diz "A princípio, estamos abertos a textos sobre qualquer tema ou tradição filosófica, desde que não veiculem nenhuma forma de preconceito ou discurso de ódio". Mas acho que o verdadeiro problema foi que mostrei a natureza profundamente acrítica e preconceituosa do artigo "A filosofia precisa se pronunciar acerca do terror[54]", da professora Georgia Amitrano. Eu mostrei que ela estava contribuindo para a desumanização e a demonização dos palestinos. Ela estava fornecendo justificativas para o genocídio. Ou seja, ela estava violando a regra que proíbe a publicação de artigos veiculando "preconceito ou discurso de ódio"[55].

Não é difícil perceber que o meu artigo colocou a ANPOF contra a parede – o que fiz inadvertidamente, pois não sabia que a professora Georgia Amitrano estava na diretoria[56]. Eu não tinha simplesmente mostrado que um membro qualquer da comunidade acadêmica brasileira estava promovendo preconceito e discurso de ódio contra os palestinos. Eu tinha mostrado que a própria diretoria da própria ANPOF estava promovendo preconceito e discurso de ódio contra os palestinos – e violando as próprias regras ao fazê-lo. Então a ANPOF precisou me silenciar.

A ANPOF se pinta como um "espaço democrático de expressão[57]" e ela realmente *parece* ser um espaço democrático de expressão, pois ninguém fica sabendo do que acontece por trás dos panos. Como a ANPOF joga a sujeira embaixo do tapete, a aparência de democracia, de integridade e de probidade pode ser mantida. Eu já fui censurado três vezes pela ANPOF. Essa não foi a primeira vez, foi a terceira. Será que fui alvo de perseguição? Será que a ANPOF tem um problema pessoal comigo? Ou será que o problema é mais amplo? Acho que o problema é mais amplo. A comunidade filosófica brasileira é imensa. É difícil para mim acreditar que fui o único membro da comunidade filosófica brasileira a ser censurado. Se outros dez membros tiverem sido censurados três vezes, teremos trinta casos de censura dos quais ninguém teve notícia. A ANPOF pode censurar impunemente quem ela quiser e quantas vezes ela quiser, pois ela não tem nenhum mecanismo de transparência e responsabilização. A minha hipótese é que não fui o único membro da comunidade de filosofia a ser censurado. A minha hipótese é que não sabemos da gravidade do problema, porque tudo é feito às escondidas, longe do exame público. A ANPOF tem medo da transparência—exatamente como os nazijudeus.

É muito fácil estabelecer mecanismos de transparência e responsabilização. A trans-

[54] https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/a-filosofia-precisa-se-pronunciar-acerca-do-terror.
[55] https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof.
[56] https://www.anpof.org.br/anpof/diretoria.
[57] https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof.

parência é a melhor forma de garantir a integridade. A diretoria ANPOF sairia censurando os membros da comunidade filosófica a torto e direito se ela soubesse de antemão que todo o mundo iria tomar conhecimento das suas ações? É claro que não. A transparência é um excelente mecanismo de dissuasão. Quanto mais forte e robusta for a transparência, menos espaço haverá para o abuso de poder. Inversamente, a falta de transparência – ou a pseudotransparência – é necessária para proteger as manobras ardilosas de quem está no poder.

As instituições não podem se dar ao luxo de basear a sua integridade na bondade de caráter dos seus dirigentes. A oportunidade de realizar manobras ardilosas às escondidas precisa ser eliminada. A filosofia enquanto campo do saber só tem a ganhar com a transparência. A censura não prejudica apenas quem a sofre. Ela também prejudica o desenvolvimento do conhecimento. Ela também prejudica a consciência coletiva. É o que tentei explicar tanto no meu texto apelando à transparência (onde defendo que a ANPOF é só a ponta do iceberg) quanto na minha nota de repúdio (onde peço para a ANPOF ser consistente e retirar do ar todas as minhas contribuições ao seu blog caso se recuse a fazer as devidas reparações).

Por exemplo, já sabemos que os departamentos de filosofia brasileiros produzem muito mais teses e dissertações sobre os autores da Europa e dos Estados Unidos do que sobre os autores da África, da América Latina, da Ásia e da Oceania. O colonialismo acadêmico é um fato. Será que é porque os estudantes escrevem muito mais projetos de pesquisa sobre os autores dos países hegemônicos? Ou será que é porque as comissões de seleção acadêmicas, protegidas pela falta de transparência, sentem-se completamente à vontade para discriminar os estudantes que apresentam projetos desafiando a supremacia da narrativa promovida pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)?

A melhor forma de perpetuar o racismo e o sexismo acadêmicos, a melhor forma de impedir que a filosofia cumpra o seu papel – que *não* é abaixar a cabeça para o discurso das potências hegemônicas e sim *pensar* de maneira tenaz e intransigente –, é garantindo o direito de quem está no poder de tomar decisões em segredo. A discrição em relação às ações injustificáveis é necessária para gerar a aparência de neutralidade, imparcialidade e integridade.

A comunidade acadêmica, especialmente a comunidade acadêmica de filosofia, precisa saber o que está acontecendo. Ela precisa saber o que está acontecendo consigo mesma. E ela precisa tomar uma posição. O professor Vladimir Safatle[58] deu uma entrevista interessante onde disse que "nesses últimos anos nós ouvimos várias pessoas levantando questões vinculadas à importância de lutas descoloniais, pós-coloniais, interseccionalidade e coisas dessa natureza. Bem, a gente está diante de uma luta colonial clássica (...). Neste momento, o que você vê? Você vê uma retração e uma inibição e uma timidez da classe intelectual muito significativa. Eu começo a me perguntar se a interseccionalidade de certas pessoas não se limita ao comitê de diversidade do Magazine Luiza". Não é só retração, inibição e timidez. É também censura.

[58] https://www.youtube.com/watch?v=5GXAjies32E&forced.

Quem não se silencia é silenciado.

O meu artigo "*A luta do Hamas contra o terrorismo*" foi censurado de maneira bastante astuciosa. A professora Georgia Amitrano – cujo posicionamento questionei no meu artigo – poderia tê-lo publicado e depois escrito uma tréplica. Ela poderia ter respondido às minhas críticas publicamente. Mas o que ela fez? Ela impediu o debate de acontecer. Ao invés de rebater os meus argumentos com contra-argumentos, ela preferiu me censurar para não precisar rebatê-los. Assim fica realmente parecendo que não tem ninguém na filosofia desafiando a agenda teórica imposta de cima para baixo pelos membros da OTAN à comunidade acadêmica brasileira.

O senhor já tinha sido censurado antes.

Sim, essa foi a terceira vez em que fui censurado. A primeira vez aconteceu anos atrás. A ANPOF bloqueou uma crítica que fiz à postura subserviente e eurocêntrica da filosofia acadêmica brasileira – confirmando assim a sua postura subserviente e eurocêntrica. A segunda vez ocorreu em outubro de 2023. Pouco depois do início dos recentes ataques da entidade sionista à Gaza, enviei para a ANPOF um texto chamado "Carta ao presidente Lula sobre a Palestina", escrito em coautoria com uma amiga palestina. Já estava claro como a luz do dia o que iria acontecer. A política nazijudaica é a de realizar ataques sempre mais devastadores e brutais a cada nova rodada[59]. Ou seja, os palestinos seriam impiedosamente massacrados e a comunidade internacional se limitaria a fazer condenações verbais. Então resolvemos pedir para as autoridades brasileiras abrirem imediatamente as fronteiras para abrigar todos os palestinos que quisessem escapar da violência. Ao invés de apontarmos o dedo acusador contra a entidade sionista, o que diversas organizações de direitos humanos e a própria ONU já fazem há décadas sem nenhum resultado[60], resolvemos fazer uma proposta construtiva que fosse capaz de salvar vidas. A ideia precisava ter sido posta em circulação no início do conflito. Acho que agora é necessário tomar uma atitude mais firme. A única resposta ética possível à presente situação é entrar em guerra para defender os palestinos. É preciso deter os nazijudeus por meio da força. É claro que o Brasil não vai mover um dedo. Mas é isso o que o Brasil *deveria* fazer.

Infelizmente, a nossa carta foi censurada. De acordo com a ANPOF, tínhamos ofendido os "líderes judeus". Mas não tínhamos distorcido a realidade. Eles realmente estão, em sua maioria, alinhados com o programa genocida israelense. Não há o que discutir. Como tivemos o cuidado de explicar, os judeus antissionistas constituem uma minoria que precisa ser honrada, pois coloca a própria vida em risco ao criticar o sionismo. Mas o fato é que mais de 98% dos judeus israelenses acham que as suas forças armadas estão usando um nível apropriado de

[59] Cf. FINKELSTEIN, Norman. Gaza: a inquest into it's martyrdom. Oakland, California: University of California Press, 2018.
[60] HOPE IN A SLINGSHOT. Direção: Inka Stafrace. Produção: Inka Strace. Austrália: Empresa de proução [S.I.[, son., col. Online (1h 1min). Idioma: Inglês. (Documentário).

violência em Gaza ou então que deveriam ser ainda mais violentas[61]. Também não é novidade nenhuma que os sionistas americanos apoiam o genocídio. Então fiquei surpreso com a postura da ANPOF. Ela poderia ter deixado a nossa carta entrar no debate público, onde enfrentaria críticas, e, o mais importante, manteria o debate vivo. No entanto, ela resolveu censurá-la.

Para piorar a situação, a ANPOF também teve a ousadia de alegar que tínhamos ofendido os próprios palestinos. Segundo a ANPOF, pedir para o Brasil abrir as fronteiras em caráter emergencial para abrigar os palestinos constituía uma ofensa, pois os palestinos estão lutando pelo direito de ficar na Palestina – uma formulação um tanto imprecisa, porque, na verdade, os palestinos[62] estão lutando pelo direito à vida e à liberdade. Eles estão lutando pelo direito de ir e vir em paz. Eles estão lutando pelo direito de serem tratados como os judeus israelenses são tratados, isto é, como seres humanos com vontades, projetos, sentimentos, sonhos e pensamentos próprios.

Obviamente, defendo o direito dos palestinos às suas terras. Aliás, as coisas estavam muito melhores, inclusive para os judeus, antes da decisão criminosa da ONU de dividir a Palestina e de entregar a maior parte dela aos sionistas. A entidade sionista precisa ser extinta, é o que acho. O governo israelense precisa ser dissolvido e o Estado da Palestina reestabelecido no lugar dele. Um governo abertamente fundamentalista e supremacista em pleno século XXI é simplesmente uma aberração. Os judeus não precisam ser expulsos da Palestina, mas a supremacia judaica precisa ser extinta. Ela precisa ser enterrada. Depois do fim do *apartheid* sul-africano, eles só tiveram, começando com Nelson Mandela, presidentes negros. Os nazijudeus obviamente temem que a mesma coisa aconteça na Palestina, razão pela qual só querem conceder direitos aos palestinos *depois* que se tornarem a maioria. Mas não dá para condicionar a democratização da Palestina a mudanças na sua composição demográfica. Os israelenses precisam aceitar ser governados por palestinos. A entidade sionista tem que abandonar o regime de *apartheid* e virar uma democracia. Ou então ser extinta.

A comunidade internacional não está fazendo o seu dever, que não é simplesmente o de condenar verbalmente o nazijudaísmo, mas o de efetivamente combatê-lo. Ela já poderia ter acabado com as agressões dos sionistas há muito tempo. Ela já poderia ter acabado com as forças armadas israelenses. As atrocidades cometidas pelos nazijudeus já são conhecidas há décadas. Elas são denunciadas pelos próprios judeus, que os nazijudeus fazem de tudo para silenciar. No entanto, a comunidade internacional parece achar que as condenações verbais são suficientes. Ela parece achar que basta dizer: "Lembrem que é errado arrancar os olhos das crianças. O quê? Vocês arrancaram os olhos de mais uma criança? Por favor, parem. De novo? O quê? Mais uma vez? Parem, por gentileza." É revoltante. A gentileza da comunidade internacional é asquerosa.

[61] https://time.com/6333781/israel-hamas-poll-palestine/.
[62] https://www.youtube.com/shorts/8p_MYB9l_LE.

Os sionistas não vão parar o massacre por livre e espontânea vontade. Ou seja, eles não vão parar. Porque eles sabem que ninguém vai fazer nada para detê-los. A atividade sanguinária deles e a passividade da comunidade internacional são dois lados da mesma moeda. Se os líderes mundiais agissem em seus próprios países como estão agindo na cena internacional, todos os psicopatas, estupradores, pedófilos e traficantes de órgãos do mundo inteiro estariam andando livres pelas ruas, não só os psicopatas, estupradores, pedófilos e traficantes de órgãos israelenses.

O direito a pegar em armas do povo palestino para combater a colonização não é apenas ético ou moral. É um direito legal. Isto é, os palestinos têm o direito legal de matar os colonizadores europeus e americanos. As crianças palestinas têm o direito legal de continuar com os seus olhos. As jovens palestinas têm o direito legal de não ser sexualmente violadas. As mulheres palestinas têm o direito legal à assistência médica na hora do parto. No entanto, os direitos legais precisam ser defendidos por meio da *força* quando são sistematicamente violados. Não é apenas legítimo recorrer à violência para defendê-los. Nesse caso, é necessário recorrer à violência. É injustificável não recorrer à violência. Não adianta nada dizer que as crianças palestinas têm direito aos próprios olhos, mas não levantar um dedo sequer para defendê-las dos colonizadores. As condenações verbais são importantes, mas elas *não* bastam[63]. Se tudo o que você faz é condenar os agressores verbalmente, você está dando um sinal verde para continuarem matando, roubando, estuprando e torturando. Você se torna cúmplice e parte integrante do espetáculo teratopolítico mundial.

O Brasil não deveria esperar a lânguida e covarde comunidade internacional para declarar guerra aos nazijudeus. Ele deveria assumir uma posição de liderança. Ele deveria agir baseado em princípios. Ele seria subjugado rapidamente, sem dúvida. Ele deveria agir baseado em princípios, não baseado em cálculos econômicos ou geoestratégicos. As forças militares israelenses, incapazes de enfrentar a Al-Qassam no chão sozinhas, estão sendo apoiadas por milhares de soldados estrangeiros, principalmente americanos e franceses[64]. É nojento. Todos os países latino-americanos, africanos e asiáticos deveriam enviar soldados para lutar junto com os palestinos e mostrar de uma vez por todas às potências hegemônicas que a era colonial acabou.

Mas se tomar atitudes concretas com base em princípios está fora de questão, então só restam duas alternativas. A primeira é assistir ao genocídio passivamente. A segunda é acolher os palestinos. Eles estão, sim, lutando pelas suas terras. Mas a ANPOF está distorcendo as coisas. Ela está obviamente alheia ao inferno que os palestinos estão enfrentando. Não é verdade que todos os palestinos preferem morrer a sair da Palestina. Há palestinos que querem sair da Palestina até mesmo em tempos de "paz", se é que se pode falar em paz dentro de campos de concentração. Talvez valha a pena citar alguns exemplos.

[63] Cf. OCCUPATION 101: voices of the silenced majority, 2017.
[64] https://www.youtube.com/watch?v=xUSnYjPjcr0.

A jornalista palestina Plestia Alaqad[65] – que já sobreviveu a quatro incursões militares israelenses - conseguiu sair de Gaza em novembro de 2023. "A cada dia que passa, mais jornalistas viram alvo [das forças armadas israelenses] e eu pessoalmente tenho muitos colegas, muitas pessoas, muitas pessoas amadas que viraram alvo e foram mortas", ela explicou em uma entrevista. "E o que mais me amedrontou foi ver famílias, incluindo famílias de jornalistas, virando alvo e sendo mortas, e, claro, eu não queria que a minha família fosse morta [...] só porque sou jornalista". Ela saiu de Gaza e levou a família consigo. Provavelmente, teve razão em fazê-lo. Em menos de três meses, os israelenses mataram 90 jornalistas, além de 135 funcionários da ONU e quase 300 médicos, paramédicos e enfermeiros[66]. Os nazijudeus obviamente querem que os mais de 50 mil palestinos feridos morram e que ninguém saiba de nada[67].

A jornalista Yara Eid[68] também sobreviveu a quatro incursões militares israelenses. "Na verdade, foi por isso que fui embora de Gaza. Eu vi com meus próprios olhos pessoas sendo esquartejadas quando eu tinha 14 anos de idade." Recentemente, ela perdeu mais de 30 membros da família. O seu melhor amigo, também jornalista, foi assassinado pelos israelenses. A pintora Malak Mattar disse que o sonho dela era sair de Gaza[69]. Por quê? Por causa das consequências geradas pelo bloqueio nazijudaico. Será que ela ainda está viva[70]? Ela pode estar entre as cerca de vinte mil mortes confirmadas desde o início da operação de extermínio. Os colonizadores já falaram que é "temporada de caça em Gaza[71]". Outro exemplo é o de Yousef Elhaj, retratado no documentário *Loja da Esquina*[72]. É óbvio que ele queria ficar na Palestina, na Cisjordânia. Ele só resolveu emigrar por causa das circunstâncias impostas pelo nazijudaísmo. Ele se sacrificou procurando o bem-estar da sua família.

E se o médico Izzeldin Abuelaish[73] tivesse permanecido na Palestina? Será que ele ainda estaria vivo para denunciar o fato de que um tanque de guerra nazijudaico alvejou a sua casa, matando as suas três filhas? "No começo, não acreditei", contou. "Eu não consegui reconhecê-las. Elas foram trucidadas e [ficaram] disformes e desfiguradas. Os seus cérebros, espalhados por todos os cantos do quarto. Senti que era o fim do mundo. Naquele momento, perdi a minha fé no que chamamos de 'política humana' e nos líderes políticos que são cúmplices disso tudo. Não é só cumplicidade, eles também apoiam [os sionistas]". Recentemente, ele – que cuidou inclusive de pacientes israelenses, pois acredita que todas as vidas humanas têm valor – perdeu

[65] https://www.youtube.com/watch?v=ynBm2vQD7dw.
[66] https://www.youtube.com/watch?v=uSug7Vgz48U&forced.
[67] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67825465.
[68] https://www.youtube.com/watch?v=R_eR0N6mrvk.
[69] KILLING GAZA. Direção: Max Blumenthal. Produção: Max Blumenthal, Dan Cohen. Estados Unidos: Empresa de proução [S.I.], 2018. Online (1h 34min), son., col. Idiomas: Inglês, Árabe, Hebraico. (Documentário).
[70] https://www.youtube.com/watch?v=mISREBEXkng.
[71] https://www.youtube.com/watch?v=7sIGEH6-L0o&forced.
[72] CORNER STORE. Direção: Katherine Bruens. Produção: Katherine Bruens, Sean Gilane. Estados Unidos: Jane Be Quick LLC, 2010. Online (1h 10min), son., col. Idioma: Inglês. (Documentário).
[73] https://www.youtube.com/watch?v=31YPcNspKQE.

outros vinte e dois membros da família em um bombardeio.

Depois de aterrizar em Manchester, na Inglaterra, Mohammed Ghalayini[74] explicou que não foi fácil sair de Gaza: "Depois de passar 65 dias sob o bombardeamento brutal de Israel, fiz o que foi para mim uma escolha impossível, uma escolha que temia desde o início do ataque, que era usar o privilégio de ter um passaporte britânico para sair de Gaza. Essa é uma escolha que não está disponível para a maioria dos palestinos em Gaza, que sofrem agora de desnutrição, desidratação e de uma crise avassaladora da saúde pública enquanto Israel prossegue implacavelmente e abertamente a sua campanha para forçar todas as pessoas a abandonarem Gaza, seja as matando, seja as deslocando à força para o Egito. Realmente, tenho medo de nunca mais podermos ver o nosso lar." Já instalado na Inglaterra, ele disse em uma entrevista que "Obviamente, estou feliz por estar fisicamente seguro, mas sinto, ao mesmo tempo, a enorme responsabilidade de continuar honrando e amplificando as vozes das pessoas da minha terra, de Gaza, e de continuar mantendo a pressão política para garantir que, antes de tudo, haja um cessar-fogo definitivo e que Israel e seus aliados sejam responsabilizados." Ou seja, é impossível permanecer em Gaza, mas é também impossível se despedir de Gaza.

A luta de Mohammed Ghalayini e de todos os palestinos espalhados pelo mundo que se revoltam contra a injustiça é uma luta nobre. Mas os nazijdeus e os seus colaboradores serão responsabilizados? Infelizmente, não. Eu gostaria muito de estar errado, mas tenho certeza que Netanyahu, Biden e boa parte dos líderes mundiais – pois a cumplicidade com o genocídio é *também* um crime de genocídio – não pagarão por seus crimes. A África do Sul conseguiu colocar a Corte Internacional de Justiça contra a parede[75]. Os Estados Unidos já declararam[76] inequivocamente que a denúncia de genocídio feita pelos sul-africanos é "contraprodutiva e completamente destituída de base nos fatos", o que é uma piada. A verdadeira natureza das instituições internacionais está prestes a vir à tona.

Os palestinos brasileiros que estavam na Faixa de Gaza quando começaram os bombardeios nazijudaicos[77] e resolveram voltar para o Brasil também poderiam ser mencionados. A própria Federação Árabe Palestina do Brasil (FEPAL)[78] está fazendo uma campanha de arrecadação para ajudar na acolhida de 34 palestinos. Eles estavam na Palestina quando começaram os mais recentes ataques. Mas resolveram embarcar para o Brasil. Quem é a ANPOF para passar por cima da FEPAL e dizer que todos os palestinos têm o dever de ficar na Palestina? Quem é a ANPOF para se posicionar resolutamente contra a ideia de abrigá-los no Brasil de maneira digna? Na prática, os palestinos economicamente mais abastados, os palestinos com visto ou

[74] https://www.youtube.com/watch?v=ou-gX-UZe20.
[75] https://www.icj-cij.org/sites/default/files/case-related/192/192-20231228-app-01-00-en.pdf.
[76] https://www.timesofisrael.com/us-lambasts-meritless-south-african-request-for-icj-to-charge-israel-with-genocide/.
[77] https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-10/ha-bombardeio-para-todo-lado-diz-palestino-brasileiro-em-gaza.
[78] https://fepal.com.br/arrecadacao-para-os-brasileiro-palestinos-de-gaza/.

passaporte estrangeiro, estão fugindo do abatedouro. Talvez nem todos estejam fugindo. Mas o problema é que a maior parte da população de Gaza está pura e simplesmente presa. Ela não tem a opção de sair do abatedouro. As famílias com bebês, as famílias com crianças de dois, três, quatro anos de idade, não podem sequer escolher entre sair ou permanecer em Gaza. Elas não têm escolha.

É muito confortável tomar decisões pelos outros quando você não está tentando salvar a vida dos seus filhos. Mais de 85% da população de Gaza abandonou as suas casas para fugir dos bombardeios, quase 2 milhões de pessoas[79]. E centenas de palestinos com dupla nacionalidade[80] já cruzaram a fronteira com o Egito. Quem é a ANPOF para dizer que precisavam ter permanecido na Palestina para mais uma vez enfrentar com pedras e estilingues os bombardeios e os tanques de guerra nazijudaicos? Todos os palestinos merecem proteção, não apenas os palestinos que têm dupla nacionalidade. Não apenas os palestinos das classes econômicas mais favorecidas. Porque eles, sim, estão saindo de Gaza. Eles estão pagando uma fortuna, mas estão saindo. E os palestinos que não têm dinheiro? É justo deixá-los no abatedouro? Não é todo mundo que tem 10 mil dólares para cruzar a fronteira. Não é todo mundo que tem 80 mil dólares para salvar a família dos ataques israelenses. Infelizmente, a vida agora está sendo submetida a uma seleção financeira[81]. Só sobrevive quem tem dinheiro.

O Hamas não vai deixar de vencer a luta contra os nazijudeus por causa dos palestinos que fogem em busca de segurança, nem vai vencer por causa dos milhares e milhares palestinos cujas vidas estão sendo sacrificadas. Quem ganha com as mais de 9 mil crianças palestinas que tiveram os membros amputados, inclusive as cerca de mil que tiveram os membros amputados sem anestesia? Não são os palestinos. Não é o Hamas. Não é a Al-Qassam. São os sionistas. São os nazijudeus. Quem viu o filme hollywoodiano *127 Horas*, que levou espectadores a vomitarem[82], pode imaginar como está sendo para as crianças palestinas serem amputadas sem anestesia. A jornalista Plestia Alaqad *não* feriu a causa palestina ao sair de Gaza. Talvez ela jamais consiga voltar, é verdade. Mas a morte dela teria sido *pior* para a causa palestina. A morte dela teria significado uma voz a menos. Não acho que ela tinha a obrigação de ficar na Palestina. Também não acho que ela tinha a obrigação de sair. Quem sou eu para dizer o que ela deveria fazer? Acho que aqui só existe uma obrigação, que é a de respeitar a decisão que ela tomou – e de analisar crítica e cuidadosamente os fatores que a forçaram a tomá-la. Eu nasci em Brasília, no Distrito Federal. Eu teria a obrigação de ficar no Distrito Federal, mesmo sob o ataque de bombas atômicas e subsequentes invasões terrestres? Mesmo que não tivesse armas para me defender? E mesmo sabendo que a comunidade internacional não iria mover um dedo

[79] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-20415675.
[80] https://www.aljazeera.com/gallery/2023/11/7/palestinians-wait-at-rafah-crossing-as-evacuation-to-egypt-continues.
[81] https://www.theguardian.com/global-development/2024/jan/08/palestinians-flee-gaza-rafah-egypt-border-bribes-to-brokers.
[82] https://www.huffpost.com/entry/127-hours-causes-fainting_n_779118.

a meu favor?

Você pode talvez objetar e dizer: "Mas eles só estão saindo da Palestina por causa das circunstâncias". Mas é precisamente isso o que estou dizendo. Infelizmente, as práticas terroristas da entidade sionista funcionam. As pessoas realmente abandonam as suas casas por medo. Elas se cansam de viver em condições inóspitas. Há crianças palestinas que resolvem cometer suicídio por causa das atrocidades cometidas pelos nazijudeus[83]. É uma tragédia de apertar o coração e de fazer chorar. É um genocídio no sentido técnico e legal. Os israelenses estão forçando toda a população de Gaza – não apenas Mohammed Ghalayin – a fazer uma "escolha impossível". Não estou dizendo nem que você tem a obrigação de abrir mão dos seus direitos nem que você tem a obrigação de continuar lutando por eles até a morte. Não estou dizendo nem que você tem a obrigação de abrir mão do seu nacionalismo nem que você tem a obrigação de cultivá-lo até a morte. O que estou dizendo é que a comunidade internacional, diante da cumplicidade e da culpa das autoridades locais, tem o dever de intervir militarmente para colocar um fim ao nazijudaísmo e à entidade sionista. E se ela não quer cumprir o seu dever, ela precisa, pelo menos, abrir as suas fronteiras. Se ela não quer agir com base em princípios, ela precisa, pelo menos, agir com base nas circunstâncias. É verdade que os nazijudeus estão falando em "reassentamento voluntário"[84]. A expressão é grotesca. É como dizer que as crianças palestinas estão se submetendo a amputações sem anestesia voluntariamente. Mas realmente faz sentido decidir pelos palestinos que eles precisam se resignar a ser impiedosamente bombardeados? Realmente faz sentido decidir pelos palestinos o que eles precisam fazer? Realmente faz sentido esperar que sejam esquartejados para só depois acolhê-los? Porque é isso o que vai acontecer se a comunidade internacional não colocar um fim à entidade sionista e estabelecer o Estado da Palestina. É isso o que está acontecendo.

O raciocínio de que é melhor para a causa palestina que os palestinos não saiam de suas terras mesmo em tempos de intensos ataques não é inteiramente descabido. No filme francês *Fúria*[85] – uma interessante metáfora da questão palestina –, a família Diallo não perdeu o direito à sua casa quando saiu de férias. Só que as autoridades não fizeram nada para traduzi-lo em realidade; pelo contrário, elas agiram como a comunidade internacional está agindo em relação à Palestina. Então o raciocínio de que é melhor ficar em casa não é descabido – do ponto de vista estratégico, ele faz sentido. Mas ele não é óbvio. O fato de que coloquei o livro que comprei ontem em cima da mesa não significa que ele deixou de ser meu. O fato de que não estou dentro do meu carro dirigindo agora não significa que ele deixou de ser meu. Os meus direitos não expiram só porque nesse exato momento não os estou exercendo.

Aliás, nem mesmo do ponto de vista estratégico é óbvio o que deve ser feito. O que é

[83] https://palestinecinema.com/movies/occupation-101-voices-of-the-silenced-majority.
[84] https://www.youtube.com/watch?v=-yRqtcYnwv4.
[85] https://www.leparisien.fr/culture-loisirs/cinema/furie-un-thriller-a-forte-valeur-societale-05-11-2019-8186910.php.

melhor para a causa palestina – ter um Edward Said morto ou ter um Edward Said exilado, mas vivo? O que é melhor para a causa palestina – que os colaboracionistas emigrem para os Estados Unidos ou que permaneçam em suas terras apoiando o *apartheid* nazijudaico? Não acho que essas perguntas sejam fáceis de se responder. Mas a ANPOF parece ter a convicção de que é melhor ter um Edward Said morto do que ter um Edward Said exilado, mas vivo. Ela acha que o lugar de Plestia Alaqad, Malak Mattar, Izzeldin Abuelaish, Yousef Elhaj e os 34 palestinos que a FEPAL está apoiando é na Palestina. Afinal, ela censurou a nossa carta ao Lula. Ao invés de deixar os palestinos decidirem por si mesmos – como tínhamos proposto –, ela se apressou em tomar a decisão por eles. E logo em seguida publicou o artigo da professora Georgia Amitrano, caracterizando o Hamas como uma organização terrorista.

A nossa carta ao Lula tinha sido extremamente comedida, pois foi escrita nos primeiros dias do ataque à Gaza. O objetivo dela não era analisar a situação, não era insistir nos crimes cometidos pelos nazijudeus, era propor uma solução emergencial para salvar vidas, pois nem todo mundo quer ser martirizado. Mas depois que o massacre começou, depois que o terror se instalou e depois que a professora Georgia Amitrano qualificou o Hamas como uma organização terrorista, não havia mais espaço para comedimento. Eu tinha que mostrar o outro lado da história. Eu tinha que me posicionar de maneira clara e inequívoca. Então escrevi o artigo "*A luta do Hamas contra o terrorismo*", cujo título não deixa nenhuma dúvida sobre de que lado estou. Fui extremamente cuidadoso – mencionei judeus que falam do terrorismo israelense, citei o direito internacional e desmontei, acho que de forma convincente, a posição da professora Georgia Amitrano –, porque não queria ser censurado de novo. Infelizmente, não adiantou. A ANPOF não quer apontar o dedo para os verdadeiros criminosos.

Aceitei calado – sem me pronunciar em público – as duas primeiras censuras que sofri da ANPOF, a censura do meu artigo criticando o colonialismo acadêmico e a censura da carta ao Lula que escrevi com a minha amiga palestina. Apesar do desejo de milhares de palestinos de continuarem vivos – mesmo que isso signifique cruzar a fronteira sul de Gaza –, posso me conformar com a censura da carta. Pois aquilo que o Brasil deveria fazer, em primeiro lugar, é declarar guerra à entidade sionista. Afinal, a cumplicidade com o genocídio é também um crime de genocídio. Mas a terceira censura – a censura do meu artigo "*A luta do Hamas contra o terrorismo*" – passou da conta. Não posso aceitá-la calado. Os nazijudeus e a torcida nazijudaica merecem, sim, uma crítica que esteja à altura do que eles estão fazendo.

Essa censura me forçou a reconhecer que a comunidade acadêmica brasileira de filosofia realmente me enxerga como um vírus, como um agente patogênico. Ela não gosta do que penso. Ela não gosta do que escrevo. O desgosto é mútuo, aliás. Ela possivelmente acha que estou exagerando, que estou sendo radical. O que eu acho é que ela não tem estrutura óssea. Ela abaixa a cabeça para os agressores e rosna para as vítimas. Ela está perfeitamente alinhada ao ocidente não apenas em termos intelectuais, mas também em termos políticos. Então, não nos

entendemos. Nunca nos entendemos e não podemos jamais nos entender. Somos incompatíveis, como a água e o óleo. Não tenho mais nenhuma vontade de interagir com ela. Desde a primeira vez em que critiquei a divisão internacional do trabalho intelectual, só recebi punhaladas nas costas da comunidade acadêmica brasileira de filosofia.